

**PROSPECÇÃO DA SAÚDE OCUPACIONAL:  
UM ESTUDO DO PROJETO DE EXTENSÃO “MELHORANDO AS  
CONDIÇÕES DE TRABALHO, RENDA E SAÚDE DAS MARISQUEIRAS DE  
UMA REGIÃO DA COSTA BRANCA DO RIO GRANDE DO NORTE”**

Allyssandra Maria Lima Rodrigues Maia<sup>1</sup>

João Victor de Freitas Rebouças<sup>2</sup>

Mariane Bermond Torres<sup>3</sup>

Thiago Gabriel da Costa Oliveira<sup>4</sup>

**RESUMO**

No contexto da pesca artesanal, a mariscagem é uma atividade crucial desempenhada pelas mulheres pescadoras, responsáveis pela extração de mariscos, búzios e outros crustáceos. No entanto, elas enfrentam condições de trabalho precárias e desafiadoras, resultando em problemas de saúde como lesões musculoesqueléticas, doenças de pele, problemas respiratórios e auditivos, incluindo o câncer. A pesquisa aborda o impacto da pesca artesanal de marisqueiras em Grossos/RN na saúde ocupacional das trabalhadoras, destacando a importância de compreender os desafios enfrentados por essas mulheres. Por meio de entrevistas, a pesquisa objetivou analisar os aspectos socioeconômicos e ambientais dessa atividade, compreendendo a percepção da comunidade sobre os riscos de câncer de pele. Os resultados revelaram que a maioria das marisqueiras atua há mais de 30 anos na atividade, evidenciando a importância econômica e social da pesca artesanal para suas famílias. Diante do baixo nível de renda e escolaridade das marisqueiras, é crucial oferecer políticas públicas de qualidade, que incluam conhecimento sobre segurança no trabalho e o uso de equipamentos de proteção individual. Além disso, a criação de cooperativas pode contribuir para melhores condições de vida e trabalho para essas mulheres. O Projeto de Extensão Melhorando as Condições de Trabalho, Renda e Saúde das Marisqueiras de uma região da Costa Branca do Rio Grande do Norte destaca-se como uma iniciativa promissora para promover mudanças positivas nesse cenário local, com a realização de intervenções educativas sobre saúde ocupacional para trabalhadores da pesca de mariscos.

**Palavras-chave:** Pescadoras; medicina; câncer de pele; saúde ocupacional.

1 Professora da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Doutora em Ciência Animal pela Universidade Federal Rural do Semiárido. allyssandrarodrigues@uern.br;

2 Graduando em Medicina na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. joaoreboucas@alu.uern.br

3 Graduanda em Medicina na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. torresadestramento@gmail.com

4 Graduando em Medicina na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. thiagogabriel\_78@hotmail.com

**PROSPECTION OF OCCUPATIONAL HEALTH:  
A STUDY ON THE EXTENSIONIST PROJECT “IMPROVING LABOR  
CONDITIONS, INCOME AND HEALTH OF SHELLFISH GATHERERS IN A  
REGION OF THE WHITE COAST OF RIO GRANDE DO NORTE STATE”**

**ABSTRACT**

In artisanal fishing, shellfish gathering is a crucial activity performed by females who are responsible for extracting shellfish, whelks, and other crustaceans. However, they face precarious and challenging labor conditions, resulting in health problems such as musculoskeletal injuries, skin diseases, respiratory and hearing problems, and even cancer. The research addresses the impact of artisanal shellfish fishing in Grossos/RN on the occupational health of workers, highlighting the importance of understanding the challenges faced by these women. Through interviews, the research aimed to analyze the socioeconomic and environmental aspects of shellfish gatherers, understanding their perception of the risks of skin cancer. The results revealed that most shellfish gatherers have been working in the activity for more than 30 years, highlighting the economic and social importance of artisanal fishing for their families and communities. Given the low income and education levels of shellfish gatherers, it is crucial to offer quality public policies that include knowledge about occupational safety and the importance of personal protective equipment. Furthermore, the creation of fishing colonies or associations can help to improve living and working conditions for these women. The extension project “Improving Labor Conditions, Income and Health of Shellfish Gatherers in a Region of the White Coast of Rio Grande do Norte” stands out as a promising initiative to promote positive changes in this scenario.

**Keywords:** Fisherwomen; medicine; skin câncer; occupational health.

**1 INTRODUÇÃO**

A pesca no Brasil é uma atividade produtiva de grande relevância econômica, social e cultural, que pode ser observada historicamente pelo desenvolvimento de comunidades e cidades em regiões próximas do litoral. A pesca artesanal é um trabalho voltado para a captura de diversos tipos de pescados. A mariscagem, comum nos manguezais, é uma importante atividade de trabalho das mulheres pescadoras, responsáveis pela extração de mariscos, camarão, caranguejo e búzios, dentre outros tipos de crustáceos.

A saúde ocupacional das marisqueiras é uma questão importante e substancialmente negligenciada pela sociedade. As marisqueiras enfrentam condições de trabalho precárias e desafiadoras, como longas horas de trabalho em ambientes úmidos e insalubres, exposição a temperaturas extremas, além de riscos físicos e químicos relacionados ao manuseio de equipamentos de pesca e produtos químicos utilizados na limpeza de mariscos. Além disso, muitas marisqueiras têm baixos níveis de escolaridade e acesso limitado a serviços de saúde.

Os principais problemas de saúde ocupacional enfrentados incluem lesões musculoesqueléticas, doenças de pele, incluindo o câncer, problemas respiratórios e auditivos, além de problemas de saúde mental relacionados ao estresse no trabalho.

Para melhorar as condições de saúde ocupacional das marisqueiras, é necessário um esforço conjunto de governos, organizações de pescadores e outras partes interessadas. Isso pode incluir a implementação de medidas de segurança no trabalho, como equipamentos de proteção individual, treinamento em segurança no trabalho e acesso a serviços de saúde e assistência social. Além disso, é importante investir em pesquisa sobre os riscos à saúde ocupacional das marisqueiras e implementar programas de conscientização sobre os problemas de saúde ocupacional associados ao trabalho na pesca artesanal.

Estudos do impacto histórico causado pela atuação da pesca sobre a comunidade pescada também são ainda considerados escassos, uma vez que não existem registros e, quando sim, são imprecisos (Chiba *et al.*, 2012). Diante desse quadro, é fundamental compreender o comportamento dos pescadores, especialmente das marisqueiras, para que se conheça como ocorre a mariscação numa região estuarina.

Nesse contexto, o Projeto de Extensão Melhorando as Condições de Trabalho, Renda e Saúde das Marisqueiras de uma Região da Costa Branca do Rio Grande do Norte desempenha um papel crucial na promoção da saúde ocupacional e no bem-estar dessas trabalhadoras. Ao compreender os desafios enfrentados pelas marisqueiras e ao buscar soluções práticas para melhorar suas condições de trabalho, o projeto não apenas beneficia diretamente as trabalhadoras, mas também toda a comunidade local.

Ao fornecer conhecimento sobre segurança no trabalho, promover o uso de equipamentos de proteção individual e buscar políticas públicas que visem melhorar as condições de vida das marisqueiras, o projeto torna-se um agente de mudança positiva na Costa Branca do Rio Grande do Norte, contribuindo para a construção de uma comunidade mais sustentável. O presente estudo teve como objetivo caracterizar a pesca artesanal realizada numa região estuarina no semiárido brasileiro (nas comunidades de Barra e Pernambuquinho/Grossos/RN) em relação aos métodos, estratégias, informações sociais e segurança no trabalho. Além disso, relacionar a atividade pesqueira com ocorrência de lesões indicativas ao câncer de pele e o conhecimento das marisqueiras acerca da saúde ocupacional.

## **2 RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Trata-se de um estudo epidemiológico de corte transversal com pescadoras artesanais/marisqueiras em Grossos, Rio Grande do Norte, Brasil. Este estudo compõe uma pesquisa mais ampla, o Projeto de Extensão Melhorando as Condições de Trabalho, Saúde e Renda de Marisqueiras de uma Região da Costa Branca do Rio Grande do Norte, que é desenvolvido em parceria entre a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e a Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA), tendo como objetivo melhorar a qualidade de vida das marisqueiras no município de Grossos/RN, com foco na análise de dados socioeconômicos e na saúde ocupacional, principalmente dos pontos relacionados a ocorrência de câncer de pele na comunidade. Foram realizadas ações educativas, com o objetivo de sensibilizar a comunidade sobre a impor-

tância da prevenção e do diagnóstico precoce, utilizando o método ABCDE como ferramenta prática e eficaz.

Figura 1 - Ação de extensão na Associação de Marisqueiras do município de Grosso/RN.



Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

## 2.1 METODOLOGIA

A caracterização da percepção das pescadoras no tocante aos aspectos econômicos e sociais da pesca foi realizada no litoral de Grossos/RN, nas praias de Barra e Pernambucozinho, região estuarina do Nordeste brasileiro (04°58'47"S; 37°09'17"W). Os dados foram coletados no mês de abril do ano de 2022. A base de informações foi de origem primária. O questionário geral utilizado incluiu os seguintes itens: uma descrição sobre a faixa etária das marisqueiras, tempo de atuação na pesca, unidade de captura, unidade de esforço, dias (mês) em que apanham o búzio, restrições encontradas, segurança no trabalho, melhor período de pesca, escolaridade, informações socioeconômicas (escolaridade, lucro e renda da venda do búzio), o tamanho o qual vem sendo coletado e ainda a percepção sobre a recomposição do banco de marisco, traçando um panorama geral da mariscagem nessa região e conhecendo o perfil dessas pescadoras, diferenciando seus mecanismos de obtenção da pesca e sua importância econômica e social para populações do Oeste potiguar. Além disso, foram analisadas lesões dermatológicas referidas pelos trabalhadores e os fatores de risco para câncer de pele.

Figura 2 - Prospecção da saúde ocupacional de marisqueiras do município de Grosso/RN.



Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

As informações foram obtidas por meio de entrevistas realizadas com o total de dezenove marisqueiras. Todas as marisqueiras vinculadas à Associação de Pescadoras (totalizando nove) responderam ao questionário. A associação representa uma entidade civil de direito privado, sem fins lucrativos e de duração indeterminada, com o trabalho ocorrendo desde o ano de 2007. Após a coleta, as respostas quantitativas foram organizadas em um banco de dados e submetidas à análise estatística no programa Excel para elaboração de tabelas e gráficos. As demais informações foram analisadas qualitativamente, sendo obtidas por meio de entrevista informal.

Em um segundo momento, foi realizada uma palestra interativa com participação de alunos e professores orientadores. A atividade foi organizada na Associação de Pescadoras de Grossos e incluiu uma palestra interativa sobre os principais sinais do câncer de pele. A abordagem utilizou o método ABCDE, amplamente reconhecido na literatura científica como uma estratégia para avaliar lesões suspeitas (James *et al.*, 2021). Após a palestra, foi promovida uma entrega de protetores solares, considerando que trabalhadoras da pesca artesanal estão entre os grupos mais vulneráveis à radiação ultravioleta (UV), devido à exposição constante ao sol (Guerra *et al.*, 2022).

### 3 RESULTADOS

#### 3.1 PARÂMETROS SOCIOECONÔMICOS DAS MARISQUEIRAS

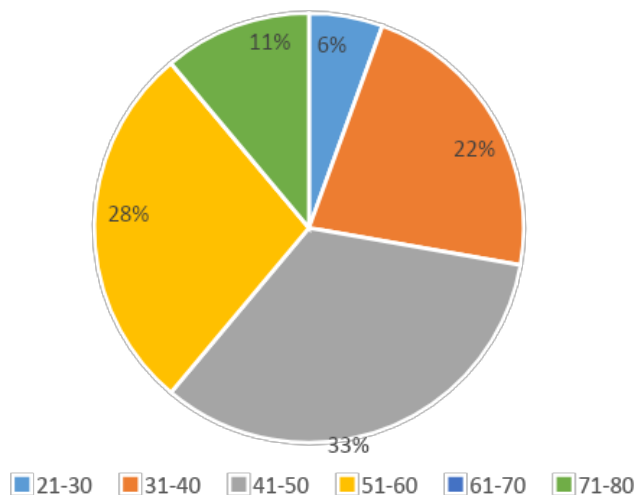
##### 3.1.1 Faixa etária

A análise final do perfil etário revela que as marisqueiras participantes do estudo exibiram uma ampla distribuição de idades, variando de 29 a 77 anos. Notavelmente, a faixa etária mais representativa foi entre 41 e 50 anos, compreendendo 33% do total de associadas, enquanto a menor proporção foi observada na faixa dos 21-30 anos, em comparação com os demais grupos etários.



investigados. Esses dados sugerem uma concentração significativa de marisqueiras em idades mais maduras, com uma menor representatividade entre as mais jovens, como evidenciado na gráfico 01.

Gráfico 1 - Porcentagem representativa da faixa etária das marisqueiras do município de Grosso/RN.

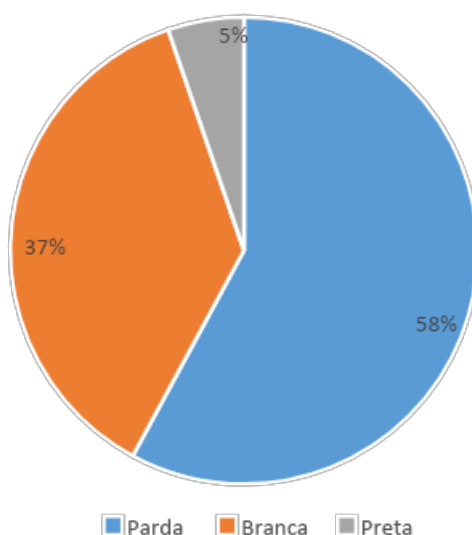


Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

### 3.1.2 Raça

Conforme as respostas obtidas, a maioria das marisqueiras se considera parda (58%) e 37% se consideram brancas (Gráfico 02). Apenas uma marisqueira se considera preta.

Gráfico 2 - Porcentagem representativa da raça das marisqueiras do município de Grosso/RN.



Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

### 3.1.3 Grau de escolaridade

Constatou-se que entre as associadas, 34% possuem o nível médio como o grau de instrução mais elevado alcançado. Em contraste, entre as não-associadas, a predominância de escolaridade (50%) foi identificada no nível fundamental, com apenas 12,5% possuindo o nível médio de instrução.

### 3.1.5 Informações econômicas mensais com a pesca do búzio

Entre as associadas, 87% das entrevistadas afirmaram que a renda mensal da venda do búzio é de R\$ 250,00 a 300,00 (Gráfico 03).

Gráfico 3 - Renda mensal obtida pelas marisqueiras do município de Grosso/RN.



Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

### 3.1.6 Renda mensal do companheiro

A análise da renda obtida pelos parceiros das marisqueiras associadas demonstra uma distribuição considerável: 33% relataram valores entre R\$ 500,00 e R\$ 622,00, enquanto 34% afirmaram não dispor de qualquer rendimento. Por outro lado, no grupo das não-associadas, a maioria expressiva (62,5%) percebe rendimentos na faixa de R\$ 500,00 a R\$ 622,00. Adicionalmente, observou-se que 12,5% desse grupo auferem entre R\$ 622,00 e R\$ 850,00, ao passo que 25% não possuem nenhuma fonte de renda.

## 3.2 FATORES RELACIONADOS A PESCA DO MARISCO

### 3.2.1 Tempo de atuação na pesca

Verificou-se que entre as marisqueiras associadas (56%), a atividade de pesca é executada há mais de trinta anos. No entanto, entre as marisqueiras não associadas, esse valor é ainda maior, com 75% atuando na pesca do marisco há mais de trinta anos.

### **3.2.2 Unidade de captura/dia**

Verificou-se, entre todas as entrevistadas (associadas e não associadas), que elas coletam o búzio (*A. brasiliiana*), utilizando o balde como unidade de captura por dia. Cada balde contém aproximadamente 16 kg, incluindo a concha. No entanto, após a limpeza e o processamento, cada balde gera apenas 1 kg de carne de marisco, o que evidencia a necessidade de uma renda complementar para o sustento das famílias. Em média, cada pescadora coleta entre 1 e 2 kg de carne por dia, podendo chegar até 4 kg. Todas utilizam baldes como ferramenta, apanhando os búzios com as mãos e lavando-os.

### **3.2.4 Unidades: de esforço, captura e tempo**

No que diz respeito às unidades de esforço, captura e tempo, todas as marisqueiras gastam, respectivamente, 10 horas por dia utilizando baldes de 1 kg.

### **3.2.5 Percepção das marisqueiras sobre a quantidade do marisco**

Além disso, segundo as marisqueiras, houve um aumento proporcional de duas vezes na quantidade capturada no mesmo período do ano, em comparação com períodos anteriores. Elas também afirmam que se pudessem pescar em um banco de mariscos ainda não explorado poderiam capturar de seis a sete baldes por dia.

### **3.2.6 O banco de marisco na região na visão das pescadoras**

No que concerne à percepção das pescadoras sobre a capacidade do banco de mariscos, 100% das marisqueiras associadas afirmaram que o banco pode suportar um número maior de pescadores. Nenhuma delas considerou que o banco já atingiu seu limite ou que há um excesso de pessoas realizando a pesca.

## **3.3 QUESTÕES RELACIONADAS À SAÚDE OCUPACIONAL DAS MARISQUEIRAS**

### **3.3.1 Dedicção em horas/dia a pesca e processamento do marisco**

Conforme os dados coletados nas entrevistas, as marisqueiras dedicam de quatro a seis horas por dia à pesca e ao processamento dos mariscos. Essa rotina intensa apresenta impactos significativos na saúde ocupacional dessas trabalhadoras, sobretudo com a exposição solar.

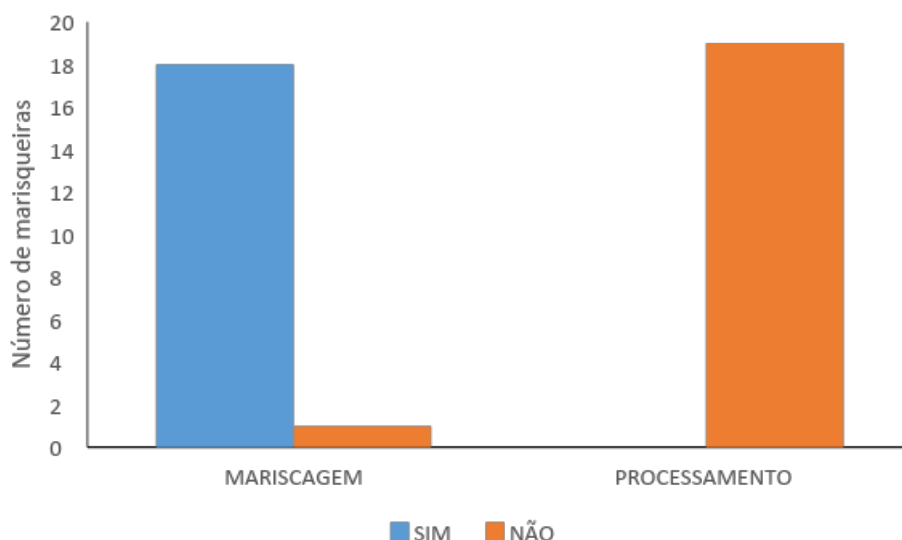
### **3.3.2 Ocorrência de acidentes de trabalho durante a mariscagem e o processamento**

Observa-se que nenhuma das marisqueiras entrevistadas sofreu algum tipo de acidente durante o processamento do marisco (Gráfico 04). Entretanto, aproximadamente 95% das marisqueiras já sofreram algum acidente durante a



mariscagem. Esse alto índice de acidentes evidencia a necessidade de aprimorar as condições de segurança.

Gráfico 4 - Número de marisqueiras do município de Grosso/RN que sofreram algum acidente durante a mariscagem ou processamento.



Fonte: Dados da pesquisa, 2024.

## 4 DISCUSSÃO

As entrevistas realizadas com as marisqueiras de Grossos/RN revelaram que a maioria delas trabalha na retirada de mariscos há mais de 30 anos, evidenciando o envelhecimento da força de trabalho na comunidade local. Esse dado corrobora com os estudos de Chiba *et al.*, (2012), que destacam a predominância de pessoas de idade avançada na pesca artesanal devido à falta de inserção de jovens na atividade, reflexo de mudanças socioeconômicas e da maior atratividade de ocupações no setor industrial e tecnológico nos grandes centros urbanos. De maneira semelhante, Begossi *et al.*, (2009) observaram que, na Baía da Ilha Grande, pescadores com longos anos de ofício predominam, possuindo um profundo conhecimento ecológico acumulado que, no entanto, tende a não ser transmitido às novas gerações.

No aspecto educacional, foi identificado que 34% das marisqueiras associadas têm o Ensino Médio como maior grau de escolaridade, enquanto apenas 12,5% das não-associadas atingem esse nível. Essa baixa escolaridade é comum no cenário nacional da pesca artesanal, conforme Begossi *et al.*, (2009) e estudos de Machado *et al.*, (2010), que apontam que a maioria dos trabalhadores extrativistas cursou apenas os níveis básicos de ensino. Fatores como pobreza estrutural, duplas jornadas de trabalho e falta de apoio governamental agravam essa situação, limitando as oportunidades de diversificação de renda, além de evidenciar a discrepância entre as mulheres que participam de associações cooperativas, a qual tem promovido avanços significativos na qualidade de vida da comunidade.

Como vivem em condições econômicas restritas, as marisqueiras precisam realizar outras atividades para serem acrescidas em suas rendas e assim

aumentar a remuneração. A maioria das marisqueiras entrevistadas relataram renda mensal de R\$ 200,00 a 250,00, que é complementada com aposentadoria ou fontes oriundas do Bolsa Família, permitindo o custeio familiar quando somada a renda de seus cônjuges. A vulnerabilidade econômica dessas comunidades é um cenário observado em outras regiões pesqueiras estudadas por Chiba *et al.*, (2012). Além disso, a falta de diversificação na atividade, devido ao limitado apoio técnico e financeiro, impede que essas mulheres aumentem sua renda por meio de alternativas como o beneficiamento dos produtos ou a participação em cooperativas.

No que diz respeito à saúde ocupacional, a ausência de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) é um aspecto evidente no exercício da mariscagem. De acordo com as entrevistas, foi detectado que a extração dos mariscos se restringe ao uso de chapéus, camisas com mangas compridas e calçados. Nesse contexto, muitas trabalhadoras informaram que já se acidentaram com corte de Aniquim (*Thalassophryne* sp.). Corroborando com Freitas *et al.*, (2012), em estudos com conhecimento tradicional das marisqueiras em Barra Grande, 61,9% das entrevistadas afirmaram que para se proteger contra o sol utilizam camisas de mangas compridas e bonés, ao passo que 38,1% não utilizam nada como forma de proteção contra a radiação solar, fator de grande risco nessa atividade, que pode culminar em doenças graves como o câncer de pele.

Além dos riscos com acidentes, a segurança pode ficar comprometida pela desvalorização do trabalho. Moura *et al.*, (2008) destaca que a subvalorização do serviço das marisqueiras e o ambiente insalubre de trabalho, úmido e com presença de insetos, geram condições inadequadas. Essa carga de trabalho associada à postura curvada durante a realização da coleta, além do peso dos baldes aos quais transitam durante a mariscagem, geram esse desconforto, propiciando um cenário favorável a uma série de lesões musculoesqueléticas associadas ao desenvolvimento da atividade. Além disso, a exposição a agentes biológicos e químicos, como poluentes industriais presentes nos estuários, aumenta os riscos de doenças infecciosas e dermatológicas, alinhando-se aos achados de estudos sobre pesca artesanal (Freitas *et al.*, 2012; Chiba *et al.*, 2012).

Os desafios psicossociais também emergem como questões críticas. A dupla jornada combinando trabalho doméstico e coleta de mariscos é fonte de estresse e desgaste emocional. Ferreira e Souza (2019) identificaram que a sazonalidade da pesca, associada à estigmatização social do trabalho manual, impacta negativamente a saúde mental dessas mulheres. Este contexto de instabilidade econômica e estigma social pode levar a altos níveis de estresse, ansiedade e depressão.

A necessidade de sustentar a família com uma renda incerta e a desvalorização social do seu trabalho impactam negativamente sua saúde mental e bem-estar (Santos e Oliveira, 2020; Ferreira e Souza, 2019). Estudos indicam que as marisqueiras frequentemente relatam sentimentos de desânimo e falta de reconhecimento, fatores que contribuem para o desenvolvimento de transtornos mentais (Ferreira e Souza, 2019). A falta de políticas públicas adequadas para apoiar essas trabalhadoras agrava ainda mais a situação, deixando-as sem acesso a serviços de saúde mental e suporte social necessário (Ferreira e Souza, 2019).

Ao contextualizar a realidade da Costa Branca potiguar, percebe-se que os problemas enfrentados pelas marisqueiras de Grossos/RN refletem uma realidade compartilhada por trabalhadores da pesca artesanal em diversas regiões brasileiras. Contudo, experiências bem-sucedidas em outras regiões, como cooperativas pesqueiras e programas de capacitação descritos por Chiba *et al.*, (2012) e Begossi *et al.*, (2009), podem servir de modelo para intervenções locais que melhorem a qualidade de vida da comunidade.

Diante desses desafios, é crucial a implementação de políticas de saúde ocupacional específicas que abordam tanto os riscos físicos quanto os psicossociais enfrentados pelas marisqueiras. Entre as propostas, destaca-se a necessidade de programas de saúde ocupacional específicos, que integrem ações de prevenção, suporte psicossocial e promoção da segurança econômica. A distribuição de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) é uma medida prioritária e de fácil execução. Parcerias entre poder público, empresas privadas e instituições sociais poderiam viabilizar a entrega gratuita de itens como chapéus de abas largas, luvas e protetores solares, reduzindo a exposição prolongada ao sol.

Segundo Pereira (2012), é imprescindível a propagação de informações ou ações de prevenção dos possíveis riscos para que haja melhoria na qualidade de vida no local de trabalho. O sol é um dos principais responsáveis por danos de saúde às marisqueiras, devido aos raios ultravioletas que são emitidos e causam vários problemas. Nesse contexto, foi observado um aumento no conhecimento sobre os sinais precoces do câncer de pele e o reconhecimento da importância do uso regular de protetor solar. Além disso, a comunidade demonstrou maior engajamento em práticas preventivas, refletindo a eficácia de abordagens educativas em saúde pública. Estudos indicam que ações como essa podem reduzir a incidência de casos graves por meio do diagnóstico precoce (Marques *et al.*, 2020).

Os riscos psicossociais enfrentados pelas marisqueiras também requerem atenção especial. A dupla jornada, combinando o trabalho de coleta com as responsabilidades domésticas, contribui significativamente para altos níveis de estresse e desgaste emocional. Assim, a criação de redes de suporte psicossocial, envolvendo grupos de apoio e acompanhamento psicológico, é uma proposta já desenvolvida pelo projeto de extensão a qual poderia ser ampliada com a participação de diversos setores sociais.

A segurança econômica, por sua vez, é fundamental para a emancipação das marisqueiras. Iniciativas que incentivem o cooperativismo e o acesso a microcréditos específicos podem transformar a realidade dessas trabalhadoras. Parcerias com bancos públicos poderiam facilitar a criação de cooperativas, promovendo a comercialização direta e o beneficiamento dos produtos da pesca.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesca artesanal tem grande importância econômica e social para as marisqueiras, constituindo uma fonte essencial de renda e subsistência. Nesse contexto, tornam-se evidentes os impactos do Projeto de Extensão PROMAR na construção de dados sobre os aspectos sociais e da saúde ocupacional da

mariscagem, bem como a efetividade da promoção da educação em saúde promovida pela extensão universitária. Para mitigar os impactos na saúde ocupacional dessas trabalhadoras, evidencia-se a necessidade de políticas públicas que abordem os aspectos multidisciplinares de seu trabalho. Isso inclui proteção social, ações socioeducativas e subsídio econômico voltado para as comunidades pesqueiras.

Entre as medidas prioritárias está a implementação de políticas de segurança no local de trabalho, com a oferta de subsídios municipais e estaduais para facilitar a aquisição de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs). O acesso a cuidados de saúde preventivos também deve ser ampliado, por meio de parcerias com universidades e institutos profissionalizantes, que podem oferecer a formação necessária para o manejo dos riscos inerentes à mariscagem.

Além disso, é fundamental proporcionar apoio psicossocial, considerando a exaustão física e emocional enfrentada por essas mulheres, muitas vezes submetidas a jornadas duplas. A emancipação financeira é igualmente crucial para promover a dignidade humana dessas trabalhadoras. Iniciativas como a facilitação de crédito, cursos profissionalizantes e incentivo ao cooperativismo devem ser estimuladas pelo poder público. A participação ativa da comunidade no desenvolvimento e implementação dessas medidas é indispensável, garantindo que suas necessidades e preocupações sejam devidamente consideradas.

O relato de experiência reforça a relevância de ações educativas baseadas em evidências científicas para populações de risco, como as marisqueiras. O método ABCDE mostrou-se uma ferramenta prática para orientar o reconhecimento de sinais suspeitos e o encaminhamento precoce aos serviços de saúde, potencialmente aumentando as taxas de cura e reduzindo complicações.

Dessa forma, o Projeto de Extensão Melhorando as Condições de Trabalho, Renda e Saúde das Marisqueiras desempenha um papel crucial na promoção da saúde ocupacional e no bem-estar das trabalhadoras da pesca artesanal em Grossos/RN. Reconhecendo a importância econômica e social da pesca artesanal para as famílias das marisqueiras, o projeto visa não apenas garantir a subsistência dessas comunidades, mas também melhorar suas condições de vida.

## REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, B. K. & KRICKER, A. The epidemiology of UV induced skin cancer. *Journal of photochemistry and photobiology B: Biology*, v. 63, n. 1-3, p. 8-18, 2001.

BEGOSSI, A.; LOPES, P. F.; OLIVEIRA, L. E. C.; NAKANE, H. **Ecologia de Pescadores Artesanais da Baía de Ilha Grande**. São Carlos: Editora Rima. 259 p., 2009.

BRODERICK, N. Understanding Chronic Wound Healing. **The Nurse Practitioner: The American Journal of Primary Health Care**. USA. nº 10, vol. 34, 2009.

CHIBA, W. A. C.; ASSUNÇÃO, A. W. A.; TAKAO, L. K.; ROCHA, G. S.; JANKE, H.; VALSKO, J.; EBERT, L. A.; FIGUEROA, M. E.; CUNHA, S. Caracterização da produção pesqueira ao longo do tempo, no município de Cananeia, litoral sul de São Paulo. **Boletim do Instituto de Pesca**, v. 38, n. 3, p. 265-273, 2012.

COSTA, R. C., CHAVES, T. C., ANDRADE, Y. V., PINHEIRO, J. V. B., JUNIOR, D. L., & VALENTIN, F. N. Incentivo à prevenção primária do câncer de pele na região amazônica: percepções acerca dos riscos e vulnerabilidades. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 6, p. e58511629355-e58511629355, 2022.

DIAS, T. L. P.; ROSA, R. S. DAMASCENO, L.C.P. Aspectos socioeconômicos, percepção ambiental e perspectivas das mulheres marisqueiras da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Ponta do Tubarão (Rio Grande do Norte, Brasil). **Gaia Scientia**, v. 1, n. 1, p. 25-35, 2007.

EL-DEIR, S. G. **Estudo da mariscagem de Anomalocardia brasiliana (Mollusca: Bivalvia) nos bancos de Coroa de Avião, Ramalho e Mangue Seco (Igarassu, Pernambuco, Brasil) / Soraya Giovanetti El-Deir. – Recife, Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, 123 p., 2009.**

ELWOOD, J. M. & JOPSON, J. Melanoma and sun exposure: an overview of published studies. **International journal of cancer**, v. 73, n. 2, p. 198-203, 1997.

FARIAS, M. B., TOCANTINS, L. B. C., SANTOS, L. S., DA COSTA, T., GALLES, C. B., & BRAZ, F. R. Risco de Câncer de pele devido à exposição solar ocupacional: uma Revisão Sistemática. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 6, p. 26365-26376, 2021.

FARTASCH, M., DIEPGEN, T. L., SCHMITT, J., & DREXLER, H. The relationship between occupational sun exposure and non-melanoma skin cancer: clinical basics, epidemiology, occupational disease evaluation, and prevention. **Deutsches Ärzteblatt International**, v. 109, n. 43, p. 715, 2012.

GAWKRODGER, D. J. Occupational skin cancers. **Occupational medicine**, v. 54, n. 7, p. 458-463, 2004.

GREEN, A.; BATTISTUTTA, D.; HART, V.; LESLIE, D.; WEEDON, D. Skin cancer in a subtropical Australian population: incidence and lack of association with occupation. **Nambour Study Group, American Journal of Epidemiology**, v. 144, n. 11, p. 1034-1040, 1996.

KENBORG, L.; JØRGENSEN, A. D.; BUDTZ-JØRGENSEN, E.; KNUDSEN, L. E.; HANSEN, J. Occupational exposure to the sun and risk of skin and lip cancer among male wage earners in Denmark: a population-based case-control study. **Cancer Causes & Control**, v. 21, p. 1347-1355, 2010.

MONTELES, J. S.; CASTRO, T. C. S.; VIANA, D. C. O.; CONCEIÇÃO, F. S.; FRANÇA, V. L.; FUNO, I. C. S. Percepção sócio-ambiental das marisqueiras no município de Raposa-MA. **Revista Brasileira de Engenharia de Pesca**, v. 4, n. 2, p. 34-45, 2009.

NELEMANS, P. J.; GROENENDAL, H.; KIEMENEY, L. A.; RAMPEN, F. H.; RUITER, D. J.; VERBEEK, A. L. Effect of intermittent exposure to sunlight on melanoma risk among indoor workers and sun-sensitive individuals. **Environmental health perspectives**, v. 101, n. 3, p. 252-255, 1993.

OLIVEIRA, L.; GLAUSS, N.; PALMA, A. Habits related to sun exposure among physical education teachers working with water activities. **Anais Brasileiros de Dermatologia**, v. 86, p. 445-450, 2011.

PENA, P. G. L.; FREITAS, M. D. C. S. D.; MARTINS, V. L. A. **Condições de trabalho da pesca artesanal de mariscos e riscos para LER/DORT em uma comunidade pesqueira da Ilha de Maré.** Pena PGL, Martins VLA, organizadores. Sofrimento negligenciado: doenças do trabalho em marisqueiras e pescadoras artesanais. Salvador: Edufba, p. 53-91, 2014.

RADESPIEL, M.; MEYER, M.; PFAHLBERG, A.; LAUSEN, B.; UTER, W.; GEFELLER, O. Outdoor work and skin cancer incidence: a registry-based study in Bavaria. **International archives of occupational and environmental health**, v. 82, p. 357-363, 2009.

RODRIGUES, A. M. L.; AZEVEDO, C. M. S. B.; COSTA, R. S.; HENRY-SILVA, G.G. Population structure of the bivalve *Anomalocardia brasiliana* (Gmelin, 1791) in the semi-arid estuarine region of northeastern Brazil. **Brazilian Journal of Biology**, v. 73, p. 819-833, 2013.

SILVA, J. C.; MONTEIRO, L. F.; COSTA, M. F. Riscos ao capital humano na atividade de piscicultura em tanques-rede. **Revista de Administração e Negócios da Amazônia**, v.1, n.1, mai./ago. 2009.

STOCK, M. L.; GERRARD, M.; GIBBONS, F. X.; DYKSTRA, J. L.; MAHLER, H. I.; WALSH, L. A.; KULIK, J. A. Sun protection intervention for highway workers: long-term efficacy of UV photography and skin cancer information on men's protective cognitions and behavior. **Annals of Behavioral Medicine**, v. 38, n. 3, p. 225-236, 2009.

SZKLO, A. S.; ALMEIDA, L. M. D.; FIGUEIREDO, V.; LOZANA, J. D. A.; MENDONÇA, G. A. E. S.; MOURA, L. D.; SZKLO, M. Comportamento relativo à exposição e proteção solar na população de 15 anos ou mais de 15 capitais brasileiras e Distrito Federal, 2002-2003. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 23, n. 4, p. 823-834, 2007.